

CAPÍTULO 5

A CONSTRUÇÃO DE UM HISTORIADOR: ETAPAS INICIAIS DA CONVERSÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA À PESQUISA HISTÓRICA

Monica Isabel de Moraes

5.1 INTRODUÇÃO

Como historiador, Sérgio Buarque de Holanda deixou uma vasta produção intelectual composta, na sua maior parte, por artigos, capítulos, prefácios e introduções, além de numerosos segmentos de trabalhos em fase de reescrita e revisão os quais, após sua morte, foram encontrados em diferentes e inacabadas versões. As obras que escapam desse caráter fragmentário, e que foram consideradas definitivamente acabadas pelo autor, são *Raízes do Brasil* (cuja edição definitiva é a quinta, de 1969), *Visão do Paraíso* (1959) e de *Do Império à República* (1972), único volume de sua exclusiva autoria na coleção História Geral da Civilização Brasileira.⁸⁴

Mesmo em *Monções*, livro publicado pela primeira vez em 1945 e posteriormente em 1976, sem alterações substanciais, não era uma obra considerada concluída por

⁸⁴ O caráter fragmentário de parte da obra de Sérgio Buarque de Holanda é explorado por Souza (2014a, 2014b).

Sérgio Buarque. Sua insatisfação consta em Nota à primeira edição, a qual revela que o referido estudo “acha-se realizado apenas em parte” (HOLANDA, 2014, p. 13), e segue reiterada em Nota à segunda edição, quando seu autor afirma que vinha realizando, embora intermitentemente, pesquisas e estudos adicionais para melhorá-lo. Não obstante, toda documentação nova coligida durante décadas seria “matéria para outro livro e provavelmente com título diverso” (Ibid, p. 10).

Com o falecimento de Sérgio Buarque, em 1982, entre seus escritos foram localizados vários textos inéditos dedicados todos à temática da expansão paulista. Aqueles que demonstravam estar relacionados mais diretamente ao estudo desenvolvido em *Monções*, parecendo ser a reescrita de alguns de seus capítulos, foram publicados como apêndices à versão original do livro, na terceira edição de 1989.

Os escritos que se distanciavam da estrutura e do conteúdo específico de *Monções* foram reunidos numa publicação distinta intitulada *O Extremo Oeste* (1986), tendo cabido a sua organização a José Sebastião Witter.

Quanto a *Caminhos e fronteiras*, cuja primeira edição data de 1957, o livro é composto de diversas monografias e estudos compostos separada e individualmente. Alguns já haviam sido publicados em revistas nacionais e estrangeiras, outros sofreram especial revisão para comporem a obra. Contudo, os textos são todos voltados para a investigação de São Paulo nos tempos coloniais e na dimensão de sua vida material (NOVAIS, 2017, p. 11).

Tais singularidades fazem com que estas duas obras, *Monções* e *Caminhos e fronteiras*, suscitem um especial interesse entre os pesquisadores da historiografia legada por Sérgio Buarque de Holanda, condição reforçada por terem sido erigidas à condição de marco no pensamento do historiador.

Maria Odila Dias, no estudo elaborado para a introdução dos textos de Sérgio Buarque na coleção *Grandes Cientistas Sociais* (DIAS, 1985, pp. 7-64), foi quem primeiro apontou a possibilidade de os livros *Monções* e *Caminhos e fronteiras* traduzirem, na trajetória intelectual de seu autor, a primeira fase da sua conversão para a pesquisa histórica e sistemática das fontes, pois, até 1936, quando o jovem autor publicou seu livro de estreia, *Raízes do Brasil*, texto com forte caráter ensaístico e que representou uma tentativa inicial de interpretação da história do Brasil, Sérgio Buarque possuía uma trajetória profissional e intelectual dedicada à crítica literária e ao jornalismo. De fato, *Raízes*, que viria a ser, anos mais tarde, a obra mais conhecida do autor, se por um lado fortaleceu sua inserção nos círculos intelectuais da época, por outro aproximou o ensaísta dos estudos de sociologia, história e de uma incipiente atividade acadêmica. Tanto que, também em 1936, Sérgio foi convidado pelo amigo Prudente de Moraes Neto a dar aulas na recém-fundada Universidade Municipal do Distrito Federal, atividade que exerceu concomitantemente à função de redator-chefe da agência Associated Press; e, da mesma forma que vários outros intelectuais do país naquela década, durante o Estado Novo, Sérgio Buarque ingressou nos escalões superiores do serviço público em 1939, convocado por Augusto Meyer para dirigir a seção de publicações do Instituto Nacional do Livro (INL), posição que assumiu e manteve de 1939 a 1944.

Conforme Guimarães (2008), nesse período ter-se-ia operado, em Sérgio Buarque, um deslocamento do seu eixo reflexivo e profissional. Após a publicação de *Raízes do Brasil*, em 1936, o autor intensificou seus esforços no sentido de se aproximar das ciências históricas. Com *Monções*, além de ter acentuado seu empenho na direção de melhor apuro metodológico, tornou-se maior em significado e importância o lugar de São Paulo para a compreensão da modernização brasileira em andamento.

Contudo, antes da publicação de *Monções* (1945), Sérgio Buarque elaborou o importante prefácio para a tradução, também a seu cargo, do livro de Thomas Davatz, *Memórias de um colono no Brasil (1850)*, que foi a público em 1941. Para a elaboração desse texto de apresentação, o prefaciador realizou um estudo aprofundado sobre a colonização paulista e o sistema de parceria, o que lhe permitiu, a partir do relato do colono Thomas Davatz – mas não se limitando a ele –, localizar um conjunto de fontes documentais inéditas sobre o levante dos colonos, bem como extensa bibliografia sobre o tema. Todo esse material, que fora incluído em apêndice na publicação, tornou-se referência e suporte para as pesquisas posteriores sobre a imigração e o trabalho livre em São Paulo no século XIX.⁸⁵

Tal empenho de pesquisa histórica e de busca por fontes documentais inéditas que Sérgio Buarque empreendeu, embora pareçam corresponder a um intento de conferir robustez ao prefácio e de ampliar o espectro de conhecimento a partir do relato do colono Thomas Davatz, de modo a contribuir com a temática da colonização paulista no século XIX, também demonstram que Sérgio Buarque realizava, naquele momento, esforços no sentido de se aproximar da produção cultural com foco nas ciências históricas.

Portanto, considerando que os “desvios de natureza intelectual são indissociáveis de deslocamentos sociais” (RODRIGUES, 2011, p. 289), o objetivo deste artigo concentra-se na tentativa de compreensão do papel que o prefácio e a tradução de *Memórias de um colono no Brasil (1850)* – publicação situada entre *Raízes do Brasil* e *Monções* – representaram na trajetória profissional e intelectual de Sérgio Buarque de Holanda. Para tanto, busco identificar, por um lado, em que medida essa obra correspondeu aos investimentos e aos movimentos de conversão que Sérgio Buarque de Holanda empreendeu em direção à pesquisa histórica e, por outro, em que medida *Memórias* teria se prestado, ao se dedicar a uma temática cara aos paulistas, a reforçar o pertencimento de Sérgio Buarque à elite intelectual de São Paulo.

Enfrentar a historiografia legada por Sérgio Buarque tendo em vista as circunstâncias de seu percurso social e intelectual, suas escolhas, tomadas de posição e disputas inerentes ao campo⁸⁶ de produção cultural do período, cresce em importância diante do processo de canonização experimentado por *Raízes do Brasil* e seu autor.

85 Com base em Cohen (2001) e Silva (2012), ambos também sublinham que foi a partir do prefácio de Sérgio Buarque de Holanda que o sistema de parceria emancipou-se como tema de pesquisa e estudo.

86 Considero que as diferentes espécies de capital distinguem os campos (cada campo tem sua lógica própria e sua hierarquia própria), sendo que o seu volume determina a posição de um determinado agente no espaço social (BOURDIEU, 2011a, pp. 133-135). Porém, no Brasil, o campo da história, enquanto prática científica e acadêmica institucionalizada, não estava plenamente autonomizado nos anos 1930.

Se, como afirma Eugênio (2008, p. 425), Sérgio Buarque de Holanda,

é refém da imagem quase marmórea que lhe confere a condição de totem da tribo, cuja trajetória intelectual e política vem sendo narrada na forma de uma história exemplar [...] esta vem dificultando a pesquisa das regiões inexploradas de sua obra, agindo como uma névoa a disfarçar-lhe as variações e ambiguidades.

Afortunadamente, a pergunta feita por Monteiro e Schwarcz (2016, p. 20), ou seja, “Mas quem é Sérgio Buarque de Holanda sem *Raízes do Brasil?*”, está ecoando entre os estudiosos do historiador, e, assim, “vem ganhando fôlego uma tendência de fuga ao marco monumental” (EUGÊNIO, 2008, p. 425).

5.2 FORMAM-SE ALIANÇAS

Entre 1939 e 1943 Sérgio Buarque de Holanda se corresponde com Rubens Borba de Moraes. Sérgio, então chefe da Seção de Publicações do Instituto Nacional do Livro (1937-1944), e Rubens, diretor da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo (1935-1943), dialogam por intermédio de onze cartas cujo conteúdo, além de revelar aspectos de como se comportava o mercado editorial no período e as alianças que se travavam entre os agentes envolvidos – produtores culturais, editores, autores, tradutores, ilustradores etc. –, também revela importantes circunstâncias que teriam favorecido o redirecionamento da trajetória profissional e intelectual de Sérgio Buarque rumo à produção historiográfica, bem como teriam fornecido os parâmetros para a construção de um interesse de conhecimento e de uma agenda intelectual particular.

As cartas consultadas são aquelas enviadas por Rubens Borba para Sérgio Buarque. Quanto àquelas recebidas por Rubens, e escritas por Sérgio, as mesmas não foram conservadas pelo seu destinatário.⁸⁷ Sendo assim, falta um lado da conversa. Contudo, essa lacuna não compromete a compreensão dos assuntos tratados, pois, como se verá, Rubens Borba fazia remissão, nas cartas subsequentes, ao que Sérgio Buarque lhe teria respondido em correspondência anterior. Os escritos epistolares que Sérgio Buarque conservou do amigo Rubens Borba de Moraes narram como foi sendo construído um universo de problemas e de referências, que teriam orientado as escolhas intelectuais feitas por Sérgio naquele momento.

⁸⁷ As cartas consultadas integram o Fundo Sérgio Buarque de Holanda (correspondência passiva), mantido pelo Arquivo Central do Sistema de Arquivos (Área de Arquivo Permanente) da Universidade Estadual de Campinas – Siarq/Unicamp. O Instituto Hercule Florence, que mantém o acervo de Rubens Borba de Moraes, não possui a correspondência enviada por Sérgio Buarque.

5.2.1 SOBRE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E RUBENS BORBA DE MORAES⁸⁸

Sérgio e Rubens tinham praticamente a mesma idade, frequentavam os mesmos locais de sociabilidade dos moços da elite paulistana, onde se conheceram, e comun­gavam os mesmos interesses pela literatura. Barbosa (1988, p. 31), ao descrever a ju­ventude de Sérgio Buarque, conta da “roda da Fazzoli”, antiga Confeitaria paulistana, na rua São Bento, onde seu grupo de amizades se encontrava:

*O grupo da Fazzoli, que também se reunia no escritório de advocacia do pai de Guilherme, Estevam de Almeida, especialista em questões de terras, jurista e filólogo, professor da Faculdade de Direito de São Paulo. O escritório era, em suma, um dos maiores e mais rendosos da época, e nele só se tratava de advocacia, isto é, coisa séria. Mas Guilherme e seu irmão Tácito (que como poeta usava o pseudônimo de Carlos Alberto de Araújo) prolongavam as ter­­túlias da Fazzoli não apenas no escritório paterno, e sim no “escritorinho” do próprio Tácito de Almeida. Completavam a roda Antonio Carlos Couto de Barros, **Rubens Borba de Moraes** e Sérgio Milliet, os dois últimos recém-vin­dos da Europa. De quando em quando, em aparições episódicas, juntavam-se ao grupo Mário de Andrade e Oswald de Andrade. (Negrito meu)*

A amizade com Rubens se prolongou no Rio de Janeiro, para onde os pais de Sér­gio se mudaram, com a família, em 1921. Ali, se encontravam na casa de Guilherme de Almeida, em Botafogo, e se reuniam especialmente às sextas-feiras, como narra Maria Amélia Buarque de Holanda (1981), esposa de Sérgio:

*A toda hora lá apontavam os paulistas: Tácito, Couto de Barros, **Rubens de Moraes**, Mário de Andrade, Oswald. Do Rio, entre os frequentadores habi­tuais, lembra-se de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida, Afonso Arinos, Di Cavalcanti e Manuel Bandeira, [...]. (Negrito meu)*

A relação entre os dois se estendeu pela vida afora, tomando feição também profis­sional, pois Sérgio participou de alguns dos projetos editoriais a cargo de Rubens entre os últimos anos da década de 1930 e meados de 1940.

Embora unidos pelos interesses intelectuais, Sérgio Buarque de Holanda e Rubens Borba de Moraes tinham origens sociais diferentes.

⁸⁸ Biografia de Sérgio Buarque de Holanda: Curriculum Vitae – Arquivo Siarq/Unicamp SBH_VP_58/88; Holanda, 1981; Barbosa, 1988; Holanda, 2007; Moraes, 2017. Biografia de Rubens Borba de Moraes: Mindlin, 1998; Antunes, 2017; Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (b), 2020.

Sérgio Buarque de Holanda, nascido na cidade de São Paulo, em 1902, procedia de família tradicional do nordeste do país, sendo que seus antecedentes paternos foram proprietários rurais de grandes plantações de cana-de-açúcar do período colonial, numa região que atualmente integra, majoritariamente, o estado de Alagoas (HOLLANDA, Bartolomeu B., 2007).

Os dados e as informações a respeito da origem social, econômica e cultural de Sérgio Buarque de Holanda viabilizaram a identificação de disposições herdadas pelo seu pai e por ele próprio, Sérgio. Diante do fato da família Buarque de Holanda remontar ao período da colonização portuguesa no Brasil, época em que a formação social do país processava-se tendo a família rural e latifundiária por unidade fundamental, tornou-se possível compreender certas ambiguidades da trajetória do ensaísta.⁸⁹

O pai de Sérgio, Christovam Buarque de Hollanda Cavalcanti, diante das expressivas transformações socioeconômicas em curso no nordeste açucareiro e com a intensificação da vida urbana, é enviado por sua família ao Rio de Janeiro para estudar medicina, curso que não conclui, formando-se na Escola de Farmácia em 1888.

Christovam operou a transição entre o mundo rural e urbano; entre a decadência da aristocracia rural canavieira e a emergência da classe média urbana (com todos os seus modismos e distinções); e tentou se tornar médico como mecanismo de reconversão de capital (diante de diferentes solicitações impostas pelos sistemas econômico e social em transformação) na tentativa de reproduzir (ou ao menos manter) sua posição de classe.

Com sua transferência para São Paulo, nos últimos anos de 1890, onde exerceu um cargo de chefia no Serviço Sanitário do Estado e participou na fundação da Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia do Estado de São Paulo, ali sendo professor, Christovam logrou a recuperação social que almejava, assegurando sua posição na fração intelectual da classe dominante. Uma vez casado, visando a reproduzir a posição que alcançara, investiu fortemente na educação formal de seus filhos.

A escolaridade de Sérgio iniciara-se bem cedo, no Jardim da Infância do Colégio Progresso Brasileiro, uma escola americana. Quanto aos seus estudos primários, esses foram feitos na Escola Modelo Caetano de Campos, na Praça da República. A maior parte do curso ginasial foi cursada no Colégio São Bento (1915-1918) e um semestre no Arquidiocesano na Luz. Para os últimos preparatórios, estudou em cursos especializados e com professores particulares. Não faltou, à sua formação, o estudo de um instrumento musical. Estudou piano durante sete anos, sendo que com a idade de nove anos compôs uma valsa, Vitória Régia, a qual fora publicada pela revista *Tico-Tico*, em 1913.

Com a transferência definitiva da família Buarque de Holanda para o Rio de Janeiro, em 1921, Sérgio ingressou nesse mesmo ano na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro – atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), “embora não sentisse nenhuma vocação para os estudos jurídicos, nem pensasse em seguir a carreira de advogado” (BARBOSA, 1988, p. 33). Os interesses do jovem Sérgio, que passavam ao largo dos assuntos jurídicos, convergiam para a literatura. Logo, graças à sua amizade com Mário de Andrade e Oswald de Andrade, foi representante

⁸⁹ A este respeito ver MORAES, Monica I. de, 2017.

no Rio de Janeiro do primeiro periódico do Modernismo, a revista *Klaxon*. Dado o curto período de sua duração (maio/1922 a janeiro/1923), Sérgio Buarque e Prudente de Moraes Neto associaram-se para editar uma nova revista modernista: *Estética*. Também de vida breve (setembro/1924 a junho/1925), a intenção dessa publicação era reunir os modernistas em torno de um periódico especializado.

Em 1929, Assis Chateaubriand propôs a Sérgio uma viagem à Alemanha, Polônia e Rússia, a fim de enviar reportagens para *O Jornal* (RJ). Atuou também como correspondente do *Diário da Noite* (SP) e da Agência Internacional de Notícias.

Por fim, em 1936, *Raízes do Brasil* inaugurou a nova coleção da Livraria José Olympio, Documentos Brasileiros.

Rubens Borba de Moraes, por sua vez, nascido em Araraquara/SP, em 1899, descendia de velhos troncos paulistas que remontam a Borba Gato. Sua família, paulista “quatrocentona”, integrava a elite econômica e intelectual do período, portanto, Rubens não conviveu com riscos de desclassificação social. A sua herança material e cultural de origem lhe assegurava uma posição estável e segura de prestígio no espaço social. Diante de sua situação material privilegiada, foi enviado aos nove anos para estudar em Paris. Permaneceu na Europa também durante o curso universitário, tendo estudado na Faculdade de Letras de Genebra, graduando-se em 1919. Nessa ocasião publicou seu primeiro livro, *Le Chevalier au Barizel*, uma peça de teatro levada aos palcos em fevereiro daquele ano.

Quando retornou ao Brasil, Rubens Borba reencontrou antigos amigos, como Mário de Andrade, com quem conviveu desde a infância. Também participavam do seu círculo de amizades Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, Luís Aranha, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade, pelo que foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. Contudo, acabou não participando do evento por estar doente nos dias de sua realização. Colaborou na criação e lançamento de expressivas revistas literárias do período, como a *Klaxon*, *Terra Roxa & Outras Terras*, e a *Revista de Antropofagia*, sendo que, em 1923, Rubens Borba publicou um livro de ensaios intitulado *Domingo dos Séculos*.

No início dos anos 1930, ao lado de Ciro Berlink, Antônio Carlos Couto de Barros, Tácito de Almeida e Sérgio Milliet, fundou a Escola Livre de Sociologia e Política, tendo também idealizado e concretizado a criação do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Nesse órgão assumiu, de 1935 a 1943, a direção da Divisão de Bibliotecas, responsável pela posterior expansão da rede de bibliotecas públicas paulistanas. Rubens Borba foi ainda o fundador do primeiro curso de biblioteconomia do Brasil, em 1936, para dar suporte à organização e documentação do acervo do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Dois anos após, Rubens fundou a Associação Paulista de Bibliotecários e, em 1939, ganhou uma bolsa da Fundação Rockefeller para estudar biblioteconomia nos Estados Unidos, onde também fez estágios na área.

Ao voltar para o Brasil, tornou a trabalhar no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, organizando algumas coleções de livros, como a série Biblioteca Histórica Brasileira, publicada pela Livraria Martins, e planejando, com a Companhia Editora Nacional, a publicação da série Roteiro do Brasil.

Dessa maneira, os dois rapazes cresceram numa São Paulo europeizada, centro da economia nacional, em pleno processo de urbanização e crescimento demográfico resultantes da cafeicultura, industrialização e imigração. O ambiente familiar e escolar, próprio das elites paulistas da época, impôs aos dois uma forte disposição para a aprendizagem e aquisição de cultura, além de um estilo de vida que possibilitou o seu acesso aos meios de convívio e às redes de sociabilidade que compunham o modo de vida daquelas camadas abastadas. A participação dos jovens num circuito de lazer e cultura que incluía cinemas, clubes, parques, cafés, livrarias, revistas ilustradas e jornais de circulação diária lhe forneceram amplas condições de ingresso no âmbito da produção e reprodução desse universo culturalmente legítimo e dominante (GUIMARÃES, 2008, pp. 38-39).

5.2.2 AS CARTAS: UMA CONVERSA DITADA PELO MERCADO EDITORIAL DO PERÍODO

Quando Rubens Borba de Moraes escreveu a primeira carta a Sérgio Buarque de Holanda em 8/12/1939, das onze conhecidas e que restaram para consulta, ambos já gozavam de algum lastro de reconhecimento e prestígio, no campo do saber e da produção cultural no período, acumulado a partir de suas trajetórias escolares, do reconhecimento de suas publicações (fossem livros ou artigos em jornais e revistas), e dos postos profissionais ocupados.

A correspondência de 8/12/1939, entre outros assuntos, especialmente os que informam sobre a rede de sociabilidade intelectual dos dois amigos, sugere a Sérgio Buarque de Holanda que traduza o livro, em alemão e ainda inédito no Brasil, de Thomas Davatz, *Memórias de um colono no Brasil (1850)*.

S. Paulo, 8/12/39

Sérgio amigo.

[...]

Vou amanhã falar com o Yan⁹⁰ para ver se ele me empresta o Davatz para te mandar. Leia e mande me dizer se vale a pena v. traduzir e prefaciar. O 1º número da minha coleção está no prelo e sai com um atraso de 10 dias. Mas no dia 20 ou 26 está na rua. Em janeiro sai o meu St. Hilaire.⁹¹ Se v. pudesse me aprontar o Davatz para fevereiro seria o ideal. É curtinho e fácil.

90 João Fernando de Almeida Prado (1898-1987), descendente de tradicional família paulista, Yan formou uma das maiores coleções particulares de obras raras da época. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/yan-de-almeida-prado-2/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

91 Referência ao segundo volume da coleção Biblioteca Histórica Brasileira, *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, província Cisplatina e missões do Paraguai*, de Auguste de Saint-Hilaire, tradução e prefácio de Rubens Borba de Moraes.

[...]

Estando com o Mário⁹² dê um abraço.

Recomendações a sua senhora e v. aceite um abraço do

Rubens.

Após retorno dos Estados Unidos, tendo cumprido seus estudos naquele país e completando-se o período da bolsa, Rubens Borba de Moraes assume a direção da importante coleção Biblioteca Histórica Brasileira, cargo que lhe confiou José de Barros Martins, dono da editora Martins. O pedido feito a Sérgio Buarque para que trabalhasse na tradução de *Memórias de um colono no Brasil*, publicação que seria incorporada à referida coleção, e que aponta para o estabelecimento de alianças e ajuste de interesses recíprocos.

Tanto o é que, em correspondência posterior, datada de 24/1/1940, Rubens Borba pede a Sérgio Buarque, que na época, além da função exercida no Instituto Nacional do Livro (INL), também tinha a seu cargo a secção semanal de crítica literária do jornal carioca *Diário de Notícias* (HOLANDA, 2012, p. 9), que escrevesse uma crítica (naturalmente, em tom elogioso) sobre a coleção Biblioteca Histórica Brasileira, de modo a reafirmar a reciprocidade de vantagens que os laços entre eles proporcionavam:

S. Paulo, 24 de janeiro, 1940.

Amigo Sergio:

[...]

*Já viu o Rugendas?⁹³ Os exemplares de luxo só ficam prontos no fim deste mês. Reservaremos um para V. Não sei o preço ainda. **Porque V. não escreve um artigo em algum jornal sobre a coleção? Veja se me arranja aí um pouco de publicidade em torno da coleção.***

Bom, por hoje é só.

Um abraço do

Rubens.

(Negritos meus)

92 Mário de Andrade, que trabalhava com Sérgio Buarque no Instituto Nacional do Livro, além de escrever para o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro (MONTEIRO, 2012, p. 417).

93 Referência ao primeiro volume da coleção Biblioteca Histórica Brasileira, *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Johann Moritz Rugendas e tradução de Sérgio Milliet.

Tendo em vista a convergência de interesses entre ambos, Sérgio Buarque atende ao pedido do amigo Rubens por meio de dois artigos publicados no referido jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. O primeiro em 22/9/1940 sob o título *Brasiliiana I* e, o segundo, em 29/9/1940 nominado de *Brasiliiana II* (COSTA, 2011, p. 174-184).

No artigo inaugural (*Brasiliiana I*), em consonância com a preocupação maior que conduzia o pensamento brasileiro da época, no sentido de desvendar, mapear, estudar e diagnosticar a realidade nacional (PONTES, 2001), Sérgio Buarque aprova com ênfase o projeto editorial da Martins, qual seja o de traduzir as obras estrangeiras sobre o Brasil. Sendo assim, o crítico se manifesta sobre a coleção nos seguintes termos:

Brasiliiana I

[...]

*É o despertar desse senso de continuidade histórica, um dos motivos que nos leva a buscar nos livros onde se fala em nosso passado, antes um enriquecimento do que um divertimento para o espírito. Um indício poderoso dessa verdadeira revolução no gosto do público está no êxito crescente de coleções como a *Brasiliiana da Editora Nacional*, ou como os *Documentos Brasileiros*, da José Olympio. **A ambas, que se podem considerar pioneiras no gênero, cabe acrescentar agora a *Biblioteca Histórica da Livraria Martins de São Paulo*, com um programa ainda mais ambicioso e que só neste ano já nos ofereceu quatro obras capitais para a melhor inteligência do Brasil.***

Bem orientada pelo sr. Rubens Borba de Moraes, um dos conhecedores mais autorizados da bibliografia estrangeira sobre nosso país, da nossa xenobibliografia como preferiria dizer Afonso de Taunay, essa coleção não só veio reparar o injusto esquecimento em que se encontravam algumas daquelas obras como conseguiu fazê-lo de maneira exemplar. [...] (Negritos meus)

No artigo de continuação (*Brasiliiana II*), Sérgio Buarque circunscreve a sua crítica – sempre em tom de aprovação – ao projeto editorial da Martins e ao desempenho de Rubens Borba de Moraes, como tradutor e prefaciador, de uma obra especialmente importante para a história do estado de São Paulo. Segue em evidência um amplo interesse renovado pelo Brasil e a demonstração de serem, as coleções, “um dos espaços privilegiados para a veiculação do pensamento da época” (Ibid, p. 449).

Brasíliana II

[...], a *Biblioteca Histórica*, editada pela Livraria Martins, enriqueceu-nos este ano de duas valiosas contribuições estrangeiras para o melhor conhecimento do Brasil: a *Viagem à Província de São Paulo*, de Saint-Hilaire, **traduzida pelo sr. Rubens Borba de Moraes**, e as *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*, de Daniel Kidder, traduzidas pelo sr. Moacir de Vasconcelos. [...]

Da *Viagem à Província de São Paulo*, já existia uma tradução parcial, publicada em 1922, sob o título *São Paulo nos tempos coloniais*. Essa, que agora nos apresenta a *Biblioteca Histórica Brasileira*, abrange a zona correspondente ao atual Estado de São Paulo. **Prefaciada por Rubens Borba de Moraes, seguida de uma ampla bibliografia e de um opúsculo menos conhecido, o “Resumo das viagens ao interior do Brasil, à Província Cisplatina e às missões do Paraguai” é, sem contestação possível, de todos os livros de Saint-Hilaire traduzidos para o português, o que surge com melhor apresentação. [...] Enquanto isso não é possível, cabe-nos aprovar calorosamente esforços como esse da *Biblioteca Histórica Brasileira*, que nos deu com a tradução da *Viagem à Província de São Paulo* um trabalho digno do autor e do assunto. (Negritos meus)**

O mercado editorial, naqueles anos da passagem da década de 1930 para 1940, era o espaço privilegiado de divulgação do pensamento intelectual, pois as ciências humanas, sobretudo, ainda não possuíam fronteiras profissionais delimitadas, e o sistema universitário estava se estruturando. As mais bem-sucedidas empresas editoriais, no período, eram a Companhia Editora Nacional, a Livraria José Olympio Editora e a Livraria e Editora Martins.

A Companhia Editora Nacional foi a pioneira na publicação de coleções, cabendo à *Brasíliana* popularizar os ensaios de interpretação da formação social do país, de modo a torná-los acessíveis a um novo público interessado em conhecer a história e realidade nacionais.

Espelhada na *Brasíliana*, a coleção *Documentos Brasileiros* foi idealizada por José Olympio Pereira Filho, que a lançou em 1936 com a publicação de *Raízes do Brasil*.

Em 1940, tendo decidido ingressar na atividade editorial, José de Barros Martins, que já mantinha uma livraria desde 1937, inaugurou seu catálogo com o lançamento de duas coleções que rapidamente se diferenciaram das anteriores, especialmente pelo prestígio de seus organizadores. A primeira delas foi uma *brasíliana*, a coleção *Biblioteca Histórica Brasileira*, dirigida por Rubens Borba de Moraes – diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo e renomado bibliófilo. A outra foi a *Biblioteca de Ciências Sociais*, conduzida pelo sociólogo Donald Pierson.

José de Barros Martins foi construindo seu projeto editorial apoiado numa rede de produtores e agentes culturais que compunham o circuito de alta cultura da cidade (os já bem inseridos modernistas de 1920 e os intelectuais – nacionais e estrangeiros – integrantes das instituições de ensino superior de São Paulo), como também nas elites locais cuja notoriedade resultava dos exitosos projetos de mecenato cultural oficial e privado no decênio de 1930 (SORÁ, 2010).

A escolha de Rubens Borba de Moraes para a direção da coleção Biblioteca Histórica Brasileira, função que implicava não apenas estar na dianteira da escolha dos títulos a serem publicados, mas também dos tradutores dos textos em língua estrangeira, deve ser entendida como parte de um conjunto de ações levadas a cabo por Martins tendo em vista se associar aos intelectuais que já dispunham, antes mesmo da fundação da editora, de capitais de autoridade.

Portanto, o êxito da editora Martins deveu-se, em grande medida, a duas circunstâncias de relevo. A primeira delas foi o peso expressivo que tiveram seus colaboradores:

Compunham o que se pode chamar hoje de staff da editora. Vários deles eram professores da Universidade de São Paulo ou integrantes do Departamento de Cultura, como Sérgio Milliet, Mário de Andrade, João Cruz Costa, Eurípedes Simões de Paula, Herbert Baldus, Pierre Monbeig, e os já mencionados Rubens Borba de Moraes, e Donald Pierson. Esses colaboradores, sob a constante supervisão de Martins, foram os principais responsáveis pelo seu programa editorial, cuja singularidade marcante (quando comparado com os programas das demais editoras importantes), deve-se à quase absoluta edição de autores brasileiros (PONTES, 2001, p. 445).

O outro componente do sucesso da Martins foi o contexto cultural extremamente favorável que circundou a criação da editora:

A Universidade de São Paulo, em processo de consolidação, formava as suas primeiras turmas, ampliando as perspectivas de conhecimento e de pesquisa. Aliado a isto, o Departamento de Cultura, criado em 1935, por Mário de Andrade, funcionava como um centro de difusão de pesquisa e de debates culturais (Ibid, pp. 441-442).

Essas condições foram exploradas por José de Barros Martins, que se empenhava em cultivar as relações pessoais e em solidificar o seu trânsito no universo cultural e intelectual da época, notadamente paulista. Aos poucos, a editora Martins firmou-se como uma editora de prestígio, condição reforçada pelo catálogo de suas publicações que se diferenciava das demais editoras por conter, sempre em luxuosas edições, raridades e obras produzidas pela intelectualidade dominante em São Paulo na época, categoria simbólica essa que ganhava força.

Como, naquele momento, editores, literatos e jornalistas integravam o mesmo campo de produção cultural, era nesse microcosmo social que eram engendradas as estratégias (com o estabelecimento de alianças) em busca de reconhecimento. Portanto, foi esse espaço social, com suas disputas e relações de força específicas, que se impôs às escolhas de Sérgio Buarque de modo que a tradução do texto de Thomas Davatz, a ser publicado pela renomada editora Martins, funcionaria como mais um recurso a lhe conferir prestígio e a contribuir com a ampliação da sua rede de sociabilidade junto aos editores e ao meio intelectual da época, ou seja, como fonte de maior reconhecimento interno (no campo) e notoriedade externa (BOURDIEU, 2011b).

5.3 AS ESCOLHAS E SEUS CONDICIONANTES

Em meados do século XIX, a grande lavoura paulista enfrentava a substituição da mão de obra escrava fazendo vir trabalhadores livres da Europa. A importação em larga escala de braços europeus foi iniciada por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro que fundou, em julho de 1847, na fazenda de Ibicaba, a Colônia Senador Vergueiro. Além de significar, o emprego desses colonos nos latifúndios de São Paulo, “uma verdadeira revolução nos métodos de trabalho vigentes no país e, mais do que isso, nas concepções predominantes em todo o território do Império acerca do trabalho livre” (HOLANDA, 1980, p. 27), a principal inovação do sistema Vergueiro estava no regime de parceria a que foi submetida a mão de obra imigrante.

Thomas Davatz, suíço, integrou as primeiras levas de europeus contratados para trabalhar na fazenda de Ibicaba, do senador Vergueiro. Contudo, o colono, que não fora lavrador em sua terra de origem, mas, possuindo alguma instrução, havia sido mestre escola, rapidamente entrou em confronto com as condições de trabalho a que estava submetido em terras paulistas. Davatz encabeçou um movimento revoltoso que, dominado pelas autoridades policiais, resultou no retorno do imigrante à Suíça.

O relato dessa experiência compõe o livro *Memórias de um colono no Brasil (1850)* que, escrito por Thomas Davatz quando de retorno à sua terra natal e impresso pela primeira vez na cidade de Chur (na Suíça) em 1858, é um relato sobre as condições de trabalho na fazenda de Ibicaba do ponto de vista do colono. O texto discorre também sobre todos os episódios cujo ápice foi o levante dos lavradores suíços, entretanto, o interesse maior da obra reside no fato de ser um documento de valor histórico, pois descreve as circunstâncias culturais, sociais e econômicas que propiciaram o desacordo dos imigrantes com o sistema de parceria do Senador Vergueiro.

Quem primeiro tomou conhecimento desse relato e o trouxe para o Brasil, foi João Fernando de Almeida Prado (Yan). Amigo muito próximo de Rubens Borba de Moraes e de Sérgio Buarque de Holanda, os três partícipes da mesma rede de sociabilidade, foi Yan de Almeida Prado quem forneceu seu exemplar para a tradução (MORAES, Rubens B., 1980, pp. 11-13). A publicação do texto em português foi em 1941, em São Paulo, pela editora Martins, com tradução de Sérgio Buarque.

Não obstante, o conjunto epistolar trocado entre Rubens e Sérgio revela outras circunstâncias que envolveram a tradução e publicação de *Memórias de um colono no*

Brasil. O diálogo mantido entre os dois interlocutores permite entrever como foi sendo construída e reforçada, no interior de um processo de diferenciação, uma problemática que, nos anos subsequentes, alimentaria o eixo investigativo das pesquisas do historiador.

Rubens Borba, apesar da amizade antiga com Sérgio Buarque, não estava escrevendo a esse para tratar de assuntos fraternais. O diretor da coleção Biblioteca Histórica Brasileira se correspondia com Sérgio, naquele momento, investido do papel de agente e produtor cultural, portanto, para tratar de interesses editoriais relativos à empreitada em curso, ainda que a ocasião fosse aproveitada para a troca de notícias a respeito de outros projetos em comum, como a Bibliografia Básica Brasileira. Sendo assim, Rubens Borba fez saber que, para o prefácio do livro traduzido por Sérgio Buarque, intencionava ele mesmo fazer tão somente uma rápida apresentação, dispensando uma abordagem mais aprofundada sobre a colonização em São Paulo, o que, conforme o missivista, mereceria um estudo específico pois estava toda ela ainda por fazer. O que havia de investigação histórica sobre o tema seria proveniente apenas de fontes oficiais, de propaganda da colonização e de relatórios consulares, inexistindo registros provenientes dos próprios colonos ou, ao menos, que considerassem a sua perspectiva no processo em questão. Por isso a importância, conforme Rubens Borba, de um relato como o de Thomas Davatz.

S. Paulo 18/5/40

[...]

Quanto ao prefácio o que eu pretendo fazer é apenas umas linhas de apresentação sem entrar num estudo sobre colonização em S. Paulo o que merece um livro.

Direi somente isto: a história da colonização em S. Paulo está toda ela por fazer. Não houve aqui colonização mas “substituição do braço escravo”. A bibliografia que existe é enorme mas toda ela (pelo menos a mais conhecida) emana de fonte oficiais, de propaganda da colonização e de relatórios consulares. A única que se conhece do outro lado, do colono, é o Davatz. D’áí sua importância. A Bibl. Hist. Bras. empenhada em fornecer documentos valiosos e selecionados aos estudiosos publicará diversas obras referentes a esse assunto. Inicia com o Davatz. Só. Nada mais.

Se Rubens Borba de Moraes iria tratar da questão da colonização do estado de São Paulo, na apresentação a seu cargo, de forma breve e superficial, caberia então a Sérgio Buarque de Holanda, em um “prefácio estudo”, enfrentar mais detidamente os vários aspectos que a questão propunha. Mas não bastaria um “prefácio estudo”, o diretor da coleção queria, em seguida, um livro.

S. Paulo 18/5/40

[...]

Se V. acha que seria útil fazer-se um “prefácio estudo” sobre a questão eu te peço que o faça. O que V. acha? Seria talvez melhor. Eu sou tão apaixonado por esta questão do estudo da colonização, tenho estudado tanto esse problema, que gostaria de escrever até um livro sobre o assunto. Mas eu tenho uma vasta preguiça de escrever livros. Prefiro “fazer” livros. É mais divertido. Mas V. porque não escreve esse livro? Vamos, avante!

Faça um prefácio para o Davatz com as diretrizes do futuro livro. Que tal?

Responda-me sobre o negócio.

Quanto ao vol. XII do Instituto que eu consegui e te mandei pelo correio ontem, não custa nada. V. me fará um dia um livro em troca. [...]

Rubens Borba de Moraes, em face da trajetória progressiva e por estar associado, naquele momento, à prestigiosa Editora e Livraria Martins, era um bibliófilo consagrado no campo da produção intelectual. Essa condição lhe conferia capital de autoridade suficiente para concorrer com o estabelecimento dos princípios de percepção e de apreciação que guiavam a alta cultura e a literatura do país. Dessa maneira, ao anunciar a Sérgio Buarque os principais tópicos que comporiam o prefácio que redigiria para a publicação, Rubens Borba acaba propondo um espaço de possíveis que definiria um universo de problemas e de referências que Sérgio deveria levar em consideração para participar (com êxito) das disputas no campo. Como os autores e demais agentes culturais sempre estão situados, no campo, de maneira relacional, ou seja, uns em relação aos outros, Sérgio Buarque, inserido naquele microcosmo literário historicamente situado e datado, conscientemente ou não, fez suas escolhas em direção às possibilidades que lhe pareciam mais seguras (BOURDIEU, 2011b).

Dessa maneira, Sérgio Buarque de Holanda redigiu o estudo introdutório em conformidade com o pedido do diretor da coleção, sendo hoje um dos textos clássicos de sua obra. Na abertura do livro de Thomas Davatz, o tradutor descreveu o papel modernizador desempenhado pelos fazendeiros paulistas ao introduzirem, no estado, a mão de obra livre e os novos métodos de trabalho a ela relacionados. Embora Sérgio Buarque tenha posto em evidência “as ambiguidades das primeiras tentativas de introdução do trabalho livre, que levaram, em 1857, à revolta dos colonos suíços de Ibicaba”, o autor, seguindo a orientação de Rubens Borba, “procurou aprofundar não somente o ponto de vista dos fazendeiros, mas também o dos colonos” (DIAS, 1985, p. 99).

Rubens Borba dissera, em sua carta, que o que existia sobre a história da colonização paulista viera de fontes oficiais, de propaganda da colonização e de relatórios consulares. A única que se conhecia do outro lado era o depoimento do colono suíço Thomas Davatz. Sérgio soube fazer ecoar, ressoar essa solicitação reconhecendo, em

seu “prefácio estudo”, a importância dos estudos históricos que privilegiavam outras vozes e outros ângulos, especialmente os dos menos favorecidos.

É indiscutível que, encarado sob esse aspecto o plano Vergueiro foi extremamente fecundo, e como tal merece ser estudado com toda a atenção e enaltecido. Quanto à sua aplicação prática ela pode ser e tem sido discutida de vários pontos de vista, tão vários quanto os interesses que pôs em jogo. Mas essa mesma variedade encerra para nós uma vantagem preciosa, servindo para dar realce aos problemas culturais, sociais e econômicos que ficariam obscurecidos, em muitos pontos, se nos fossem propostas sob uma forma unilateral e incolor. Ela faz fixar melhor as divergências, medir, calcular seus motivos, ajudando a não aceitar sem crítica as opiniões parciais. É dessas opiniões que se faz a história em grande parte e a história do Brasil em quase tudo. Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história (HOLANDA, 1980, pp. 44-45) (Negritos meus).

Desde as primeiras décadas do século XX, São Paulo vinha confirmando sua liderança econômica no plano nacional. Enquanto estado mais industrializado e urbanizado, era o que contava com as condições necessárias para conduzir a nação em direção à modernidade. Também na esfera cultural o estado despontava como um polo irradiador de iniciativas inovadoras; o mais bem-sucedido com relação ao estabelecimento da universidade e do seu entorno intelectual e científico em moldes profissionais. Portanto, a investigação do passado paulista era um tema caro às elites estaduais. Contudo, a tradição historiográfica em São Paulo, até aquele período, pouco se dedicara à “multidão imensa dos figurantes mudos”, ou seja, não havia estudos voltados para a colonização do estado (nos seus vários momentos) a partir de um enfoque diverso dos grandes nomes e das figuras de proa.

5.4 PERCEPÇÃO DAS POSSIBILIDADES DISPONÍVEIS

5.4.1 BALANÇO HISTORIOGRÁFICO BRASILEIRO

Para a compreensão das condições objetivas de produção intelectual enfrentadas por Sérgio Buarque de Holanda, naqueles últimos anos da década de 1930, exige-se

também, que seja reconstituída a trajetória do conhecimento histórico nacional até aquele momento.

A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, veio atender a uma preocupação do Império com a organização, sistematização e preservação da memória histórica no Brasil. O próprio imperador D. Pedro II, durante quarenta anos, de 1849 a 1889, presidiu e participou das reuniões do Instituto, cujos membros, recrutados “antes pelas relações sociais do que pela produção intelectual” (SCHWARCZ, 1989, p. 7), compunham o círculo ilustrado que militava no âmbito do poder político.

A despeito de fazer uso de técnicas específicas de pesquisa, de uma escrita objetiva, fundamentada e comprovada, recursos esses que foram se aperfeiçoando ao longo dos anos, o conhecimento histórico produzido pelo Instituto, ao se orientar pela composição de uma história nacional, limitava-se a elaborar um discurso da história pátria, recriando um passado por meio da solidificação de mitos fundacionais.

O eixo central da produção do Instituto sempre foi a história do Brasil Colônia, temática da primeira grande obra produzida sob os auspícios e critérios do Instituto. A *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen, em dois volumes, reconstituiu o passado nacional até 1822. Autor também de outros textos, Varnhagen, nome principal dessa fase inaugural do Instituto, foi responsável pela descoberta e revelação de importantes documentos da história pátria, além da publicação de livros antigos.

Mas durante as últimas décadas do século XIX esse modelo de produção histórica foi sendo superado, e com Capistrano de Abreu outro paradigma passa a vigorar. Diferentemente de Varnhagen, que mobilizou para a sua *História Geral do Brasil*, predominantemente, os grandes feitos diplomáticos e administrativos da nação, dessa forma fazendo triunfar o projeto do IHGB (ARRUDA; TENGARRINHA, 1999, p. 39), Capistrano de Abreu falou sobre o passado histórico do país a partir de uma perspectiva bastante original para a época, priorizando a vida cotidiana dos homens comuns nas comunidades interioranas, nos caminhos e nas fronteiras. Capistrano deu continuidade à busca obstinada por documentos inéditos, que traduzia e publicava, sempre preocupado com a identificação segura de seus autores, com sua guarda e preservação. Dessa maneira, aperfeiçoou e aprofundou as técnicas e práticas disponíveis para o arquivamento de fontes documentais, bem como da correspondente consulta sistemática.

Ao lado de Capistrano de Abreu, que publicou *Capítulos de história colonial*, em 1907, outros autores produziram importantes obras. Esses homens, intelectuais eruditos e autodidatas, exerciam funções políticas e administrativas, sendo que sua renda era proveniente de atividades financeiras ou dos rendimentos de suas propriedades rurais.

Os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX assistiram à fundação de novas instituições para a preservação e construção da memória histórica nacional. Junto com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, passaram a funcionar o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Academia Brasileira de Letras e o Museu Paulista – administrado por Afonso d’Escagnolle Taunay de 1928 a 1946 –, entre outros. É um período em que o conhecimento histórico começa a dar atenção a novos temas e a fazer uso de uma outra linguagem.

Após a virada do século, com a Semana de Arte Moderna, a primeira revolta dos tenentes e a fundação do Partido Comunista no Brasil, além do avanço da urbanização e da industrialização, os intelectuais brasileiros se deparam com novos desafios e diferentes questionamentos. Superada a etapa da construção da nação e da afirmação da independência ou mesmo de sua diversidade regional, a produção historiográfica se volta para os perfis de brasileiros, para os retratos do Brasil e para a elaboração de uma identidade nacional.

Com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934, e da Universidade do Distrito Federal, em 1935, transformada em Universidade do Brasil, entre 1937 e 1939, os historiadores eruditos e autodidatas vão sendo substituídos, pouco a pouco, pelos profissionais do saber específico, pesquisadores e professores formados nos quadros universitários. Professores estrangeiros, majoritariamente franceses para as humanidades, são contratados para dar início à atividade docente nessas Universidades. Consequentemente, os paradigmas da produção intelectual nativa vão sendo substituídos pelas exigências e maior rigor do método científico.

Em São Paulo, no Departamento de História da USP, a primeira tese de doutoramento defendida na área de humanidades da Faculdade de Filosofia, fruto da presença da missão francesa no país, embora ainda guardando forte influência de Capistrano de Abreu e Afonso d'Escragolle Taunay, foi a de Alfredo Ellis Jr., intitulada *Capítulos de História Social de São Paulo*, em 1939.

Dessa forma, a universidade vai se tornando o campo por excelência das batalhas travadas pela legitimação das ciências sociais, entre elas, a história.

5.4.2 BALANÇO HISTORIOGRÁFICO PAULISTA

A produção histórica realizada no estado de São Paulo, e os intelectuais paulistas seus autores, até o princípio do século XX, não gozavam de prestígio entre os historiadores e literatos que circundavam a corte e a capital do Império, e mesmo posteriormente, a capital da República. A história nacional hegemônica era aquela que priorizava a ação da metrópole colonizadora, sobretudo ao longo da faixa litorânea do país, ao lado da elaboração de seus mitos fundacionais, como o Descobrimento e a Independência.

Ferreira (2002, p. 17) chega a afirmar que os paulistas letrados eram ignorados pelos contemporâneos e, referindo-se a Ângela Castro Gomes, sublinha que “o Império (e a República) das Letras é setentrional e, naturalmente, tem o Rio de Janeiro como sua Meca”.

Os primeiros textos dedicados ao conhecimento histórico de São Paulo, com ênfase regional, foram escritos por Pedro Taques de Almeida Paes e Gaspar Teixeira de Azevedo – o Frei Gaspar da Madre de Deus, que viveram e escreveram durante o século XVIII. Ambos eram aparentados, descendiam dos primeiros povoadores da Capitania de São Vicente e foram os consolidadores de uma história colonial de São Paulo centralizada no movimento bandeirista. Alguns historiadores que a eles se

seguiram no século XIX, ao tratarem da Capitania de São Paulo, fizeram uso da imagem do sertanista construída por Pedro Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus. Mas foi o viajante e naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire quem, nos primeiros anos do século XIX, concedeu maior reconhecimento aos historiadores paulistas. O jovem botânico percorreu várias províncias do país, sendo que as descrições dessas viagens estão em seus diários. Conferindo grande relevo às expedições paulistas e à sua penetração pelo interior do país, o viajante reproduziu o orgulho que Pedro Taques e Frei Gaspar deixaram registrado em seus escritos. Para descrever as dificuldades enfrentadas pelos sertanistas mestiços de São Paulo, Saint-Hilaire os equiparou “a uma raça de gigantes”.⁹⁴

Mas, nos derradeiros anos do século XIX, com a expansão dos cafezais por São Paulo, a predominância dessa lavoura no estado ocasionou, além da mudança do eixo econômico do país, também um acelerado crescimento da capital paulista, acompanhado de profunda mudança na sociedade local e alteração na sua composição étnica e racial.

Dessa forma, a importância do café paulista na economia brasileira, que a partir da segunda metade do século XIX passou a ser o principal produto nacional de exportação, não condizia com a posição secundária que São Paulo ocupava no cenário político do país. Não obstante terem tido papel de relevo no movimento republicano, os paulistas permaneciam afastados dos principais postos políticos do governo federal, o que provocava insatisfação local.

Foi nesse momento, entre 1890 e 1930, em meio a essas tensões e disputas, que a figura do bandeirante foi resgatada como símbolo, pois concomitantemente à manifestação das qualidades de arrojo, progresso e riqueza associadas a São Paulo, representava o processo de integração territorial que dera sentido à unidade nacional e servia à afirmação da própria identidade paulista.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), fundado em novembro de 1894, bem como o Museu Paulista, inaugurado alguns meses antes, instituições que congregavam o círculo intelectual e político do estado, amparadas pelas referências introduzidas pelas ciências – naturais e humanas – e, por isso, perseguindo um modelo de atuação tido por ilustrado e civilizado, buscavam contribuir com o desenvolvimento de São Paulo. Mas, conforme Ferreira (2002, p. 97), ambicionavam também, por meio dos instrumentos da ciência,

fincar as raízes de um povo, as tradições de uma região e um porto seguro na avalanche modernizadora. Para tanto, era essencial buscar o amparo, especialmente, da geografia, da etnografia e da história, razão de ser do Instituto e do Museu.

94 A obra de Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, província Cisplatina e missões do Paraguai*, traduzida por Rubens Borba de Moraes, foi publicada na coleção Biblioteca Histórica Brasileira, em 1940.

Por intermédio da revista do IHGSP, destinada a divulgar a produção intelectual paulista – seja historiográfica ou com temática mais alargada –, a história da nacionalidade foi sendo reescrita a partir do percurso paulista. Essa intenção ficou clara desde o primeiro volume do periódico, quando se anunciou que “a história de São Paulo é a própria história do Brasil” (RIHGSP, v. I, p. 1895, apud Ferreira, 2002, p. 110). Diante da necessidade de se localizar, no passado, fatos e vultos da história do estado que pudessem formatar uma historiografia particularmente paulista, “mas que dessem conta também do Brasil como um todo”, a revista da agremiação concedeu grande destaque e ênfase ao fenômeno do bandeirismo, tema que esteve presente em suas publicações de forma reiterada (SCHWARCZ, 1989, pp. 45-46).

Consequentemente, o conhecimento histórico dedicado ao bandeirante e às bandeiras estruturou-se ao longo das primeiras décadas do século XX, tendo como base a historiografia legada por Pedro Taques e Frei Gaspar. Os autores mais relevantes nesse período, como destacado por Abud (1985) e Queiroz (1992), foram Afonso d’Escagnolle Taunay, que priorizou o conhecimento sobre a conquista territorial e as descobertas empreendidas pelo bandeirismo, com a publicação de sua monumental *História geral das bandeiras paulistas*, em onze volumes, cuja pesquisa e escrita se estendeu de 1924 a 1950; Alfredo Ellis Jr., que se dedicou a estudar as populações de São Paulo (ou a “raça paulista”) por meio das bandeiras e sertanistas, tendo publicado *O bandeirismo paulista e o recuo do Meridiano* (1924) e *Raça de gigantes* (1926); e, José Alcântara Machado de Oliveira, que por meio da análise de testamentos e inventários dos séculos XVII e XVIII pôde reconstituir a vida cotidiana dos sertanistas em *Vida e morte do bandeirante*, de 1926.

Segundo Abud (1985), esses foram os historiadores que deram, após Pedro Taques e Frei Gaspar, contribuições originais para a história do bandeirismo, com isso fazendo aparecer muitos outros autores preocupados com o mesmo tema e seguidores das linhas explicativas sugeridas por eles.

Esse primeiro ciclo de estudos sobre as bandeiras, conforme a mesma autora, encerra-se no decênio de 1940 com *A marcha para Oeste*, de Cassiano Ricardo, última grande obra sobre o bandeirismo.

5.5 A RECEPÇÃO DE MEMÓRIAS DE UM COLONO NO BRASIL

A publicação de *Memórias de um colono no Brasil (1850)* em 1941, reconduziu Sérgio Buarque de Holanda à cena dos lançamentos editoriais de prestígio, e, assim, os olhares da crítica literária do período focalizaram sua produção historiográfica. Seu livro de estreia, o ensaio *Raízes do Brasil*, havia ido a público em 1936, e, desde então, Sérgio Buarque só vinha escrevendo para jornais e revistas.

Portanto, após cinco anos, o ensaísta e crítico literário teve seu nome novamente associado a uma editora de renome e a publicações luxuosas direcionadas para um público dotado de maior capital cultural e econômico. Contudo, diferentemente da repercussão de *Raízes do Brasil*, a tradução e o prefácio de *Memórias de um colono*

causaram especial impacto nos leitores interessados pelas coisas de São Paulo, ou, melhor, no público paulista. Ao tratar da história, até então praticamente desconhecida, da colonização do estado pela mão de obra imigrante e livre, os escritos de Thomas Davatz, mas sobretudo o prefácio-estudo de autoria de Sérgio Buarque, contavam sobre o esforço da gente de São Paulo na edificação de sua região.

Quanto à editora, a Martins vinha ocupando, no início dos anos 1940, não apenas o “vazio cultural” deixado pela mudança de José Olympio para o Rio de Janeiro, mas também uma posição de destaque e prestígio em uma São Paulo que “voltava a recuperar a sua proeminência na vida cultural do país” (PONTES, 2001, p. 442). Consequentemente, o significado e a importância de suas publicações reverberavam, com maior intensidade, em território paulista.

Esses elementos se refletem nos cinco artigos, em jornais da época, que recepcionaram *Memórias*, sendo três de periódicos paulistas (dois no *O Estado de S. Paulo* e, o outro, na *A Gazeta*), um do Rio de Janeiro (*A Vanguarda*) e outro de Belo Horizonte (*Minas Gerais*).⁹⁵ Publicados entre fevereiro e março de 1941, os cinco artigos coincidem nos elogios destinados ao quinto volume da Biblioteca Histórica Brasileira.

Sobre a qualidade da luxuosa impressão, o crítico N. Duarte Silva, n’*O Estado de S. Paulo*, enfatiza as ilustrações que ela contém, e, Sérgio Milliet, no mesmo periódico, o fato da edição ser muito cuidada. Com relação à iniciativa da Editora Martins, N. Duarte Silva sublinha ser a empresa uma livraria “desta Capital” – referindo-se a São Paulo, pois ele escreve n’*O Estado de S. Paulo* –, e cujo projeto de formar uma coleção destinada a obras raras e de valor histórico estava a cargo de seu “corajoso” diretor Rubens Borba de Moraes.

Quanto ao prefácio e à tradução a cargo de Sérgio Buarque de Holanda, os juízos formulados reconheceram, unanimemente, além da “substancial”, “magistral” e “excelente” qualidade do prefácio, o esforço de pesquisa documental e o subsídio de fontes seguras e inéditas. O periódico mineiro, pela pena do crítico G.G.M., sublinha que o prefácio, ao tratar da revolta dos colonos de Ibicaba, revelava aspectos da colonização alemã em nosso país, permitindo que o leitor se familiarizasse com o assunto. No mesmo sentido Sérgio Milliet e N. Duarte Silva n’*O Estado de S. Paulo*.

Naqueles anos da passagem da década de 1930 para 1940, a historiografia brasileira ainda realizava um esforço de distinção tanto da filosofia e da literatura *lato sensu*, quanto dos ensaios político-sociais. Embora o debate historiográfico, buscando demarcar sua especificidade, já se deparasse com as questões “do que é ser historiador e do que é fazer história” (GOMES, 1996, p. 12), o intelectual, para ser considerado historiador, permanecia sendo aquele que se dedicasse a conteúdos classificados, genericamente, como “estudos históricos”.

Dessa forma, a recepção crítica da publicação de *Memórias*, num momento de imenso crescimento do movimento editorial após 1937, com destaque para o espaço privilegiado que os estudos históricos ocupavam nessa produção e no interesse do público pelo gênero (PONTES, 2001), parece ter funcionado, por um lado, como um

95 Esses artigos em periódicos da época encontram-se no Arquivo Siarq/Unicamp SBH_DC_2004_58_.

reforço ao movimento inicial de Sérgio Buarque de Holanda para se aproximar da figura do intelectual historiador, que produzia fortemente ancorado em fontes documentais e sem aderir à narrativa hegemônica da história do Brasil, e de São Paulo, protagonizadas pelo IHGB e pelo IHGSP, respectivamente, e identificadas como discursos de “simbiose entre historiografia e Estado” (GOMES, 1996, p. 15). Por outro lado, as avaliações críticas ora analisadas, pela ênfase conferida ao fato do quinto volume da coleção Biblioteca Histórica Brasileira ser uma publicação dedicada ao território paulista, sugerem a projeção, particularmente em São Paulo, da identidade de Sérgio Buarque como um historiador dedicado à sua historiografia.

5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1936, Sérgio Buarque de Holanda, além de publicar seu livro de estreia, *Raízes do Brasil*, foi contratado para dar aulas na Universidade Municipal do Distrito Federal, como professor de Literatura Comparada, embora também tenha atuado como assistente de Henri Hauser na cadeira de História Moderna e Econômica, até o seu retorno para a França. Então, Sérgio tornou-se professor de história das Américas, mas a Universidade fechou em 1939 e ele não lecionou por muitos anos (GRAHAM, 1982, pp. 1176-1177).

A introdução de Sérgio Buarque nos aparelhos do Estado ocorrera por meio de uma curta experiência como membro da Comissão de Teatro do Ministério da Educação, em 1937, tendo assumido a direção da Divisão de Publicações do Instituto Nacional do Livro em 1939, na qual permaneceu até 1944 (Curriculum Vitae de Sérgio Buarque de Holanda – Arquivo Siarq/Unicamp SBH_VP_58/88).

Considerando que o sistema de produção intelectual no Brasil, naqueles últimos anos de 1930, ainda não contava com um campo científico autonomizado, embora um movimento de institucionalização e profissionalização de diversas disciplinas já estivesse em curso, particularmente desde a criação da Universidade de São Paulo, a construção dos saberes ocorria na confluência de terrenos diversificados, sendo que o trânsito por diferentes áreas do conhecimento era a marca da produção cultural do país. Dessa forma, o intelectual e literato dedicado ao fazer historiográfico, até a consolidação dos estudos humanísticos da Escola de Sociologia e Política e da Universidade de São Paulo, e de acordo com o padrão das carreiras intelectuais da época – homem erudito que transitava com fluência por diferentes domínios intelectuais (FERREIRA, 2002, pp. 114-123) –, permanecia abrigado nos museus e institutos históricos e geográficos, sendo que as páginas de suas respectivas revistas eram o principal meio para divulgação de suas pesquisas e produções culturais.

Com a expansão do mercado editorial ao longo do decênio de 1930, as coleções⁹⁶ tornaram-se um dos espaços privilegiados para a veiculação do pensamento da época (PONTES, 2001, p. 449), de modo que a produção historiográfica do período, até en-

96 Segundo Pontes (2001, pp. 419-476), as principais coleções no período foram a *Brasiliana* (Companhia Editora Nacional), a *Documentos Brasileiros* (Editora José Olympio) e a *Biblioteca Histórica Brasileira* (Editora Martins).

tão dependente em grande medida dos institutos históricos e geográficos, e dos museus, passou a sujeitar-se cada vez mais aos mecanismos de divulgação das editoras nacionais.

Quando Sérgio Buarque recebeu a primeira carta, das onze que integram o conjunto de correspondências ora analisado, em 8/12/1939, ele não era mais professor da Universidade do Distrito Federal. Não obstante, um artigo seu, publicado na *Revista do Brasil*, no Rio de Janeiro em março de 1939 (COSTA, 2011, pp. 83-90), intitulado *Caminhos e fronteiras* (e que, em 1957, após revisão e alterações, integraria o livro homônimo, composto de diversos outros artigos e estudos, “todos versando sobre São Paulo nos tempos coloniais, na dimensão de sua vida material”, NOVAIS, 2017, p. 11), e que seria sua primeira publicação após *Raízes do Brasil* (ou seja, com o intervalo de três anos), demonstrava que Sérgio Buarque vinha se dedicando à pesquisa histórica, notadamente sobre a história de São Paulo. Portanto, a possibilidade de publicar em São Paulo, pela prestigiada editora Martins, poderia lhe garantir a afirmação da sua condição de intelectual dedicado aos estudos em história, bem como a legitimação para a sua produção historiográfica correspondente.

Naquele momento – dezembro de 1939 –, Sérgio Buarque estava fora não apenas da Universidade, como também não era membro do IHGB ou do IHGSP – e provavelmente jamais o seria, dado o perfil “rebuscado” e elitista de seus integrantes, “cujos nomes eram propostos pelos membros efetivos, segundo critérios de notoriedade política, parentesco e relações sociais”, embora fosse também considerada, em vários casos, a relevância intelectual do pretendente (FERREIRA, 2002, pp. 100-123) –, o que exigia, para a construção de uma carreira de prestígio no campo da produção cultural da época, uma diversificação de estratégias que potencializassem a rentabilidade dos investimentos intelectuais.

Sérgio Buarque de Holanda e Rubens Borba de Moraes, durante todo o período em que mantiveram correspondência e que se dedicaram à coleção Biblioteca Histórica Brasileira, estavam imersos na simbologia bandeirante e em um ambiente cultural permeado pelo sentimento de criação de uma identidade paulista, bem como de reescrita da história nacional a partir da história de São Paulo, de seu povoamento e de sua expansão territorial. Destarte, se para Rubens Borba editar uma coleção luxuosa, dedicada à publicação de obras raras, seria fonte de distinção – especialmente no “palco paulista” e contribuindo com o “imaginário histórico regional” (FERREIRA, 2002, pp. 23-25), para Sérgio Buarque seria lugar de consagração e de afirmação da sua condição de historiador a partir de um processo de diferenciação.

Tendo em vista que Afonso Taunay, Alfredo Ellis Jr. e Alcântara Machado eram os historiadores paulistas de maior consagração, Sérgio Buarque, para lograr reconhecimento e notoriedade, precisaria recorrer a uma estratégia de distanciamento desses intelectuais. Logo, ao aceitar traduzir *Memórias de um colono no Brasil (1850)*, e desenvolver as pesquisas históricas necessárias para a composição do seu respectivo prefácio estudo – agenda intelectual que emergiu para ele como uma constrição do sistema editorial do período, e não como um interesse espontâneo de conhecimento –, Sérgio Buarque tratou de um tema caro aos paulistas, mas ainda pouco explorado, ou

seja, a transição da escravidão para o trabalho livre e a colonização do estado pela mão de obra imigrante, dedicando-se a “fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história” (HOLANDA, 1980, p. 45), como lhe sugerira o prestigiado editor da Martins, Rubens Borba de Moraes.

Por fim, o conjunto epistolar analisado neste artigo revelou alguns aspectos importantes do espaço social e cultural que circundavam Sérgio Buarque de Holanda antes de se tornar um historiador consagrado, ou seja: o papel da editora e da publicação no seu esforço de projeção intelectual; algumas das disputas em que se envolveu naquele momento; parte das influências recebidas; as alianças de maior importância celebradas; e os constrangimentos institucionais enfrentados.

A análise aqui empreendida não esgotou, e nem era esse o seu intuito, a inteira compreensão dos movimentos de conversão realizados por Sérgio Buarque em direção à pesquisa histórica, mas buscou identificar, descrever e analisar parte desses esforços num momento muito delimitado e, ainda inicial, da sua trajetória intelectual.

Os anos subsequentes lhe impuseram novos desafios, outros constrangimentos e lutas classificatórias, bem como diferentes disputas quanto ao modo legítimo de produzir conhecimento.

FONTES

Fundo Sérgio Buarque de Holanda mantido pelo Arquivo Central do Sistema de Arquivos (Área de Arquivo Permanente) da Universidade Estadual de Campinas – Siarq/Unicamp.

1. Curriculum Vitae de Sérgio Buarque de Holanda: SBH_VP_58/88.
2. Correspondência entre Sérgio Buarque de Holanda e Rubens Borba de Moraes (correspondência passiva): SBH_CP_38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 58, 59.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Kátia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições* (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante). São Paulo: Tese História/FFLCH-USP, 1985.
- ANTUNES, Cristina (organizadora). *Rubens Borba de Moraes: Anotações de um bibliófilo*. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2017.
- ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda. Ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil. In NOGUEIRA, Arlinda Rocha; PACHECO, Floripes de Moura; PILNIK, Marcia; HORCH, Rosemarie Erika (org.). Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo: Secretaria de

- Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 15. ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011a.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 2011b. 11. ed.
- COHEN, Ilka Stern. Thomas Davatz revisitado: reflexões sobre a imigração germânica no século XIX. *Revista de História*, n. 144, 2001, p. 181-211.
- COSTA, Marcos (org.); HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Escritos coligidos* (Livro I – 1920-1949). São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. Tradução, prefácio e notas Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva (org.); Sérgio Buarque de Holanda. *Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. São Paulo: Itaú Cultural, 2020(a). Biografia de Augusto Meyer: Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4339/augusto-meyer>. Acesso em: 5 mar. 2020. Verbete da Enciclopédia.
- ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. São Paulo: Itaú Cultural, 2020(b). Biografia de Rubens Borba de Moraes: Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2489/rubens-borba-de-moraes>. Acesso em: 14 jan. 2020. Verbete da Enciclopédia.
- EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935). In MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.
- FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GRAHAM, Richard. *Hispanic American Historical Review*, 62(1): 3-17, fev/1982. Entrevista realizada pelo prof. Dr. Richard Graham do Departamento de História da Universidade do Texas (Austin), em São Paulo, maio/1981. Publicada no Brasil em *Ciência e Cultura*, 34(9): 1175-1182, set/1982.
- GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. A modernidade brasileira reconta as tradições paulistas. In MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.

- HOLANDA, Bartolomeu Buarque de. *Buarque: uma família brasileira. Ensaio histórico-genealógico*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. *Vida de Sérgio Buarque de Holanda – Aparentamentos para a Cronologia de Sérgio Buarque de Holanda*. Arquivo Siarq/Unicamp SBH, 1981.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio *In* DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Cobra de Vidro*. São Paulo: Perspectiva, 2012, 2. ed.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura. Ensaio para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Cedeplar – FACE – UFMG, 2009.
- INSTITUTO DE ESTUDO BRASILEIROS – IEB. Biografia de João Fernando de Almeida Prado (Yan): Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/yan-de-almeida-prado-2/>. Acesso em: 13 fev. 2020.
- MINDLIN, José. Rubens Borba de Moraes: um intelectual incomum. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 79, n. 192, p. 108-111, maio/ago. 1998.
- MONTEIRO, Pedro Meira (org.). *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto de Estudos Brasileiros: Edusp, 2012.
- MONTEIRO, Pedro Meira; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma edição crítica de Raízes do Brasil: O historiador lê a si mesmo. Introdução. *In* HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil: edição crítica*. MONTEIRO, Pedro Meira; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 11-26.
- MORAES, Monica Isabel de. (2017). *Duas raízes: o ensaísmo de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação de mestrado em Sociologia. São Paulo: USP. DOI: 10.11606/D.8.2017.tde-09062017-115851.
- MORAES, Rubens Borba de. Apresentação *In* DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- NOVAIS, Fernando. Prefácio *in* HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 4. ed.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: Editores, editoras e “Coleções Brasileiras” nas décadas de 30, 40 e 50. *In* MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. I. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. São Paulo, 1992. *Revista USP*, n. 13, p. 78-87.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *Os guardiões da nossa história oficial*. Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo – IDESP, 1989.
- SILVA, Rafael Pereira da. Modernismo, historiografia e sociabilidade intelectual: apontamentos sobre o quinto volume da coleção Biblioteca Histórica Brasileira (1931-1940). *História* (São Paulo), v. 31, n. 2, p. 310-337, jul/dez 2012.
- SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.
- SOUZA, Laura de Mello e. Estrela da vida inteira. Prefácio. In HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a.
- SOUZA, Laura de Mello e. Sinfonia inacabada. Prefácio. In HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de expansão paulista*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014b.

